

CORREIO BRAZILIENSE

Na quarta parte nova os campos ara.
E se mais mundo houvera, lá chegara.
CAMÕES, e, VII e 14.

Diretor Presidente
Paulo Cabral de Araújo

Diretor de Redação
Luiz Adolfo Pinheiro

Diretor Vice-Presidente
Ari Cunha

Diretor Técnico
Ari Lopes Cunha

Diretor Gerente
Evaristo de Oliveira

Diretor Comercial
Maurício Dinepi

DF - com. A grande sacrificada

A partir dos números revelados pela pesquisa contratada pelo **CORREIO BRAZILIENSE** e realizada pela "Soma Opinião e Mercado", entre os dias 20 e 29 de fevereiro último, ontem divulgados por este jornal, a queda da inflação no Distrito Federal teve como causa eficientes o recuo do consumo. Identifica-se, por isso mesmo, a predominância de um fator extremamente cruel no determinismo socio-econômico do diagnóstico levantado. Não foram os preços que recuaram da escalada insolente, mas, sim, a capacidade de consumir, imposta pela perda do poder aquisitivo das classes assalariadas. Os valores apresentados revelam uma amostragem de características dramáticas para a sociedade brasileira, com especial seletividade para a classe média, cujos usos e costumes vêm sofrendo uma deterioração crescente nos hábitos do cotidiano.

Indiscutivelmente é sobre esse segmento social que o poder público fez a opção para situar o ponto de apoio para desenvolver a estratégia de recuperação da economia do País. É sobre ela que a alavanca da recessão realiza o esforço maior, utilizando-a como fulcro para levantar a Nação. A listagem dos sacrifícios é inquietadora ao ser analisada como realidade irrecorrável e diante da qual não existem alternativas outras fora de uma sequência de restrições, ao que tudo indica, ainda em sua fase preliminar. Tudo faz crer que a voracidade da recessão está em estágio de aproximação e que doravante os seus custos, a serem cobertos pela fatia mediana da sociedade, aumentarão.

O perfil de cada um dos itens pesquisados junto ao público foi desenhado em traços firmes, capazes de revelar a compulsoriedade dos ajustes de comportamento dos cidadãos de Brasília e de suas cidades-satélites. A redução de 51 por cento no consumo de roupas e vestuários aponta uma queda de proporções inquietantes num setor versátil e dinâmico nas relações de mercado, a revelar um con-

tingenciamento de gastos que atende a uma das necessidades básicas dos cidadãos, sobretudo diante das exigências das condições de trabalho, onde o trajar completo é um dos fatores de afirmação pessoal nas relações de emprego e funcionais. As reduções nas compras de mercado e nos hábitos de fazer refeições fora do lar são, por igual, definidoras de que há uma cota de sacrifícios de notória empatia a impor restrições na vida diária de grande parte da população.

Mais do que qualquer outro, um aspecto da pesquisa põe a descoberto as imposições espartanas já absorvidas pelos habitantes do DF. O corte de 43 por cento nas despesas com refeições nos restaurantes, além de violentar um dos hábitos mais frequentes da sociedade brasileira, coloca em alto risco uma-próspera atividade econômica. Mais ainda, a supressão de gastos, em 38 por cento, nas atividades de lazer remete a classe média para uma clausura espiritual de todo incompatível com as exigências de uma vida sadia, gerando condicionamentos psicológicos de bloqueio e angústia. Esse quadro de indigência ganha cores mais vivas ao se confirmarem as restrições às empregadas domésticas e às consultas a médicos e dentistas.

Preocupado com os reflexos da crise econômica na vida dos cidadãos brasileiros, este jornal elegeu um universo estatístico sobre o qual as purgações da recessão econômica projetam distorções mais significativas, atingindo o mais representativo dos segmentos sociais. Mais uma vez é sobre seus ombros que recaem os ônus da retomada do desenvolvimento. Ao apresentá-las ao público e aos membros dos poderes constituídos, o **CORREIO BRAZILIENSE** oferece subsídios objetivos para uma avaliação mais próxima da realidade com vistas a uma correção nas rotas que estão sendo abertas para a estabilidade social e econômica e para que o processo se complete sem desestruturar a mola mestra da sociedade. A classe média.